

AS RAÍZES, O CULTIVO E AS MEMÓRIAS EM “EU VI AS TAMAREIRAS”, DE RADWA ASHOUR

ROOTS, CULTIVATION AND MEMORIES IN “I SAW THE PALM TREES”, BY RADWA ASHOUR

Maria Carolina Gonçalves¹

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução do conto “Eu vi as tamareiras”, da coleção de mesmo nome, de autoria de Radwa Ashour (1946-2014), uma destacada escritora e crítica literária egípcia. A escrita e as técnicas empregadas pela autora nessa coleção, publicada pela primeira vez em 1989, evidenciam um momento de maturidade do gênero conto, que se estabeleceu na literatura árabe no século XX. Partindo de situações do dia a dia, os contos do livro exploram questões sociais mais profundas e temas como as relações interpessoais na sociedade contemporânea. No conto “Eu vi as tamareiras”, destacam-se as raízes e as memórias da protagonista, estreitamente ligadas às plantas e ao cultivo.

Palavras-chave: Radwa Ashour; literatura egípcia; escritoras egípcias; conto árabe; tradução literária.

Abstract: This article presents a translation of the short story “I Saw the Palm Trees”, from the collection of the same name, written by Radwa Ashour (1946-2014), a distinguished Egyptian writer and literary critic. The writing style and techniques employed by the author in this collection, first published in 1989, highlight a moment of maturity in the short story genre, established in Arabic literature in the 20th century. From everyday situations, the stories in this book delve into deeper social issues and themes, such as personal relationships in contemporary society. In the story “I Saw the Palm Trees” the protagonist’s roots and memories are intricately linked to plants and cultivation.

Keywords: Radwa Ashour; Egyptian literature; Egyptian women writers; Arabic short story; literary translation.

RADWA ASHOUR E A LITERATURA EGÍPCIA DO FIM DO SÉCULO XX

Radwa Ashour (1946-2014) foi uma escritora e crítica literária egípcia. É autora de uma extensa obra publicada a partir da década de 1980, incluindo gêneros como romance, conto e memórias, além de diversos estudos críticos e ensaios publicados em árabe e em inglês. Coeditou *Arab Women Writers: A Critical Reference Guide, 1873–1999* com Ferial J. Ghazoul e Hasna Reda-Mekdashy (2007). A obra traz artigos sobre a literatura árabe de autoria feminina, além de um guia que lista grande número de escritoras árabes, incluindo informações biográficas sobre cada uma delas e uma bibliografia publicada no período em

1 Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), bolsista CAPES. Sua pesquisa de Doutorado é voltada ao feminismo na literatura egípcia do fim do século XX. E-mail: maria2.goncalves@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6773811044382936>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4817-4360>.

destaque no livro. A quantidade de escritoras e obras apresentadas evidencia o aumento das publicações de autoria feminina nos países de língua árabe ao longo do século XX, questão abordada pelas autoras.

De sua obra de ficção, destaca-se a “Trilogia de Granada”, que recebeu diversos prêmios literários e é composta pelos romances “*Gharnata/Granada*” (1994), “*Maryama/Maryama*” (1995) e “*Arrahil/A Partida*” (1995). A obra trata da queda de Granada, em 1492, marcando o fim do domínio islâmico na Península Ibérica. De acordo com Salma Khadra Jayyusi (2005: 29), a trilogia é uma “descrição vívida” dos acordos que não foram honrados, das promessas que não foram cumpridas e da população que foi forçada a adotar uma língua e uma cultura diferentes. A autora sugere que a “Trilogia de Granada” pode ser uma alusão à situação do povo palestino, que também foi privado de suas terras e identidade.

No fim do século XX, quando Radwa Ashour deu início a sua produção literária, enquanto o Egito e outros países árabes haviam passado por processos de independência e de libertação do domínio europeu (no caso egípcio, domínio britânico), na Palestina, com a Nakba, em 1948, teve início a diáspora palestina, resultando na expulsão de uma parcela significativa do povo palestino, deslocado para outras regiões ou outros países, dentro e fora do mundo árabe. Nos anos que se seguiram, o território testemunhou uma série de conflitos armados e massacres, além de destruições de casas ou mesmo de vilas inteiras. Essas questões se fazem presentes em diversas obras de autoria de Radwa Ashour.

A COLEÇÃO DE CONTOS “EU VI AS TAMAREIRAS”

A coleção “Eu vi as tamareiras” (*Ra’aytu annakhl*), de Radwa Ashour (2019), foi publicada pela primeira vez em 1989 e contém oito contos de extensões diversas, incluindo o conto que dá nome ao livro, além dos “Contos muito pequenos” (*Qisas qasira jidan*), uma série de trinta contos de curta extensão, todos com menos de cinquenta palavras. O procedimento adotado pela autora nessa série de pequenos contos, bem como sua escrita observada nos demais contos do livro, apontam para um momento de maturidade desse gênero, que se estabeleceu em língua árabe no século XX.

As histórias do livro trazem situações simples do dia a dia, mas abrem margem para reflexões sobre outros temas, como gênero, família e tradições. Um recurso literário adotado pela autora nos contos do livro é *in medias res*, procedimento no qual a abertura de uma narrativa se dá no meio dos fatos, e não no início destes. O conto “Eu vi as tamareiras”, por exemplo, tem início com o seguinte trecho: “*O inverno se prolongou, e eu não aguentava mais esperar*”. Os detalhes sobre a personagem e suas idiossincrasias se desenvolvem nos parágrafos seguintes. Da mesma forma, esse conto se encerra com um final em aberto, que sugere desdobramentos posteriores. Outro recurso empregado neste e em outros contos é o *flashback*, com inserções de trechos que apresentam momentos do passado das personagens.

■ traduções e perspectivas literárias

É notável nos contos a recorrência da imaginação e dos sonhos ou pesadelos. No conto “Sentado no parque esperando” (*Aljalis fil-hadiqa yantazir*), por exemplo, a narrativa se desenvolve a partir das suposições de uma personagem ao notar a presença de uma figura que considera inusitada. Já no conto “Eu vi as tamareiras”, destacam-se os sonhos, como será abordado adiante.

O conto “Eu vi as tamareiras”, bem como o conto “Safsafa e o general” (*Safsafa wal-Jiniral*), da mesma coleção, fazem parte da antologia *My grandmother's cactus: stories by Egyptian women*, organizada e traduzida por Marilyn Booth (1991). Já “Sentado no parque esperando” e os “Contos muito pequenos”, mencionados acima, integram a antologia *A voice of their own: short stories by Egyptian women*, organizada por Angele Botros Samaan (1994). As duas antologias apresentam uma seleção de contos de diversas escritoras egípcias traduzidos para o inglês. Vale notar que o nome escolhido para a antologia organizada por Marilyn Booth remete ao cacto das mulheres da família, ideia presente no conto “Eu vi as tamareiras”, e os elementos que compõem a capa do livro também ilustram o cacto, além das tamareiras e da hortelã, mencionadas na narrativa, como será discutido adiante.

Os contos “À luz da lua” (*Fi daw' alqamar*) e “Ele quer se tranquilizar” (*Yurid an Yatma'in*), ambos da coleção “Eu vi as tamareiras”, fazem parte da antologia *Arab women writers: an anthology of short stories*, organizada por Dalya Cohen-Mor (2005), que reúne contos árabes de escritoras de diversas nacionalidades traduzidos para o inglês.

O conto “Eu vi as tamareiras” também faz parte da antologia “Toda essa linda voz” (*Kul hadha assawt aljamil*), organizada pela escritora egípcia Latifa al-Zayyat (1994), que reúne contos de escritoras do Egito, Marrocos, Tunísia, Síria, Líbano, Palestina e Emirados Árabes Unidos pertencentes a várias gerações.

Não foram encontradas traduções integrais do livro “Eu vi as tamareiras” para o português, tampouco para outros idiomas. No Brasil, não foram localizadas traduções de livros ou mesmo textos isolados de autoria de Radwa Ashour. Dessa forma, este artigo, que inclui a tradução do conto “Eu vi as tamareiras”, contribui para apresentar a escritora para o público leitor brasileiro e, espera-se, despertar o interesse por sua obra e incentivar outros artigos e traduções de seus textos.

“EU VI AS TAMAREIRAS” EM TRADUÇÃO

Conforme mencionado no tópico anterior, o conto “Eu vi as tamareiras” tem início com a seguinte afirmação: “*O inverno se prolongou, e eu não aguentava mais esperar*”. Embora pareça simples, o começo do conto pode conter um significado metafórico mais profundo, conforme aponta Latifa al-Zayyat na antologia referida anteriormente:

nós nos perguntamos: o inverno de quem se prolongou? Meu inverno? Seu inverno? Ou nosso inverno, ao mesmo tempo? E o que não podemos mais esperar? O fim da seca, que passou a nos dominar e a dominar nossas sociedades? O alastrar da

plantação na terra devastada? Um vínculo que não foi cortado e a volta dos laços com a terra e com os outros? (Al-Zayyat, 1994: 15, tradução minha).

Ainda segundo Latifa al-Zayyat (1994: 15), “Eu vi as tamareiras”, com sua simplicidade, traz um reflexo da realidade social contemporânea a partir da inserção de metáforas como a *secura*, que remete tanto à perda do pertencimento à terra quanto ao afastamento nas relações pessoais.

A personagem principal, Fawzia, reside no Cairo. Ao longo do texto, é revelada sua origem, vinda de um vilarejo no sul do Egito que não é nomeado. O conto traz uma série de elementos da cultura e das produções locais, como o tapete da cidade de Assiut. A descrição da casa onde ela viveu sua infância retoma, como uma fotografia, a imagem de um lugar que ficou nas lembranças: “*no telhado, havia hortelã; no quintal, um cacto; e na porta, uma tamareira*”.

O conto é narrado em primeira pessoa e, já nos primeiros parágrafos, as ações e as descrições evidenciam que a protagonista tem um gosto particular pelas plantas, o que é afirmado pela narração ao declarar que amava as plantas e plantava em qualquer recipiente que encontrasse. Considerando a importância destas para o andamento da narrativa, a tradução do conto conferiu atenção especial ao vocabulário relacionado às diversas espécies vegetais mencionadas, às descrições das plantas e das partes que as compõem, além dos verbos que se referem ao cultivo e ao cuidado com as plantas.

Quanto à linguagem do texto, embora o registro predominante seja o formal, há diversas marcas de coloquialidade, tanto nos diálogos entre Fawzia e outras personagens quanto nas palavras que as crianças do bairro dirigem a ela. A tradução procurou reproduzir essas variações, atentando à escolha de palavras nas falas mencionadas.

A linguagem popular se manifesta também em expressões religiosas, como “que Deus o tenha”, entre outras. Além dessas frases, há vários outros elementos que remetem à religião islâmica ao longo do texto, como as menções ao Alcorão, ao profeta Muhammad e ao chamado para a oração.

O conto trata com delicadeza da relação da personagem com as plantas, incompreendida pelos vizinhos, que chegam a ofendê-la; e desvalorizada pelos colegas, apesar de seus esforços para melhorar o local de trabalho. Suas atitudes relacionadas ao cultivo destoam do comportamento dos demais e, por isso, são consideradas estranhas e inadequadas, ou mesmo inaceitáveis. “*Como a secura é a regra, é predominante e comum nestes nossos dias, as pessoas acusam Fawzia de loucura*” (Al-Zayyat, 1994: 16, tradução minha). Assim, em suas tentativas de “cultivar” relações e criar laços, a personagem encontra apenas um terreno árido.

Algumas das plantas, como o cacto, adquirem um significado especial no conto. As mudas do cacto são passadas de geração a geração de mulheres da família de Fawzia. Dessa forma, o cacto representa no conto as raízes, a família, o passado e as memórias. É digno de nota que a palavra “cacto”, que aparece dez vezes no conto, remete também à espécie

que se tornou um símbolo nacionalista da Palestina, que é um tema recorrente em diversas obras de Radwa Ashour, conforme mencionado anteriormente.

Nos parágrafos que encerram o conto, a personagem descreve seus sonhos, que carregam imagens de diferentes campos de cultivo. Em cada um desses sonhos, predominam uma ou mais cores. No sonho com os campos de trigo, por exemplo, são evocadas imagens que remetem à cor amarela, como o ouro e o açafraão.

O último sonho é repleto de tamareiras e retoma o título do conto e do livro. A tamareira é outro elemento significativo no contexto árabe, cultivada em países como o Egito e a Palestina e referida com frequência na literatura árabe, podendo ser uma metáfora da relação com a terra. Dos sonhos do conto, este é o descrito com mais detalhes, no qual são evocados também os membros da família de Fawzia. Para Hoda Elsadda (2007: 135), a tamareira no conto é um símbolo das raízes que conectam o passado e o presente. A tradução buscou reproduzir em português essas imagens presentes no conto, ilustradas pela narração de forma delicada e rica em detalhes.

“EU VI AS TAMAREIRAS”²

O inverno se prolongou, e eu não aguentava mais esperar. Vesti meu velho casaco, enrolei a cabeça com meu lenço de lã e saí, atravessando as ruas e parando nas árvores, olhando e observando. Quando meus olhos falhavam em ver alguma coisa nos ramos secos, estendia a mão para tocar e sentir. Às vezes, minhas mãos paravam e meu coração palpitava, mas depois eu descobria que o que eu tinha encontrado não era o que eu procurava, era apenas um simples nó num galho seco. Porém, eu tinha certeza que as encontraria. Eu me refiro às protuberâncias duras e pequenas cuja cor engana você no começo. Você acha que não é nada, mas, se olhar com cuidado, vai ver que é uma protuberância e que não é tão cinza, nem é tão seca. Se você a acompanhar e esperar, ela cresce e se abre, e revela para você seu verde oculto.

Eu estava procurando por elas quando um colega me viu e disse:

— Fawzia, o que você está fazendo na rua com esse frio maldito? Todo mundo está em casa.

— Estou procurando os brotos! – respondi.

— Sério, Fawzia, você é louca mesmo!

Ele estava brincando. Eu lembro claramente que ele falou com um tom de riso e tinha um jeito caloroso e amigável no olhar.

No fim de um dia que eu passei procurando, voltei para casa frustrada enquanto me perguntava: até quando? Nesse momento, eu me lembrei da flor do cacto que minha tia Fátima

² Conto traduzido do árabe por Maria Carolina Gonçalves e revisado por Laura Faria Porto Borges.

tinha trazido para mim do interior, e eu tinha colocado ao lado da porta e esquecido. Quando lembrei, disse para mim mesma: deve ter morrido, porque já faz meses que eu não molho. Mas fui ver. A terra estava seca, rachada e da cor do café claro. Apesar de ter secado e amarelado um pouco, o caule tinha crescido e se desenvolvido, e suas folhas com as pontas de agulha estavam como sempre foram, firmes, ramificando-se do pé, largas e apontando para baixo, finas e pontiagudas. O cacto da minha tia estava assentado sobre seu pé, verde. Eu o reguei.

Eu amava as plantas. Passei a plantar num pote de cerâmica, numa lata vazia, numa caneca; qualquer coisa que servisse para plantar, eu enchia de terra, colocava bem firme um caroço de fruta ou um ramo verde na profundidade necessária e regava.

Naquele tempo, ninguém dizia que eu era louca. Eles disseram isso depois daquele dia em que me deram a notícia do falecimento do meu primo:

— O seu primo morreu, Fawzia.

— Morreu?

Quando confirmaram a notícia, pedi para eles me esperarem, que eu iria com eles para prestar as condolências. Eles me viram me sentando de pernas cruzadas na frente deles, enchendo de terra uma lata vazia e plantando nela uma muda de manjerição. Coloquei bem firme e fiz pressão com as mãos várias vezes na terra para o ramo ficar totalmente firme e estável. Depois, eu reguei e disse:

— Agora nós podemos ir.

Eu os vi batendo uma mão na outra e os ouvi dizendo: “A Fawzia ficou louca, está na mão de Deus”. Não entendi por que disseram aquilo. Achei mais estranho ainda quando ouvi um deles cochichando: “A Fawzia está fazendo igual os ricos que enfeitam as casas deles com plantas!”. Achei estranho porque ele é do nosso vilarejo e sabe que somos camponeses. Está certo que as mulheres na nossa família interiorana do sul do Egito não saem para o campo para o cultivo, mas o cultivo é parte da vida delas desde que abrem os olhos até fecharem os olhos na hora da morte. Eu me lembro da nossa casa no vilarejo: no telhado, havia hortelã; no quintal, um cacto; e na porta, uma tamareira. E lembro que o meu pai – que Deus o tenha – dizia que a tamareira é uma árvore abençoada que Deus concedeu a seus servos e a exaltou, mencionando-a no Alcorão; e que o profeta – louvado seja – disse: “Exaltem suas tias, as tamareiras”; e que ele chamou as tamareiras de nossas tias porque elas foram criadas com o que restou do barro do qual foi feito Adão e porque elas se parecem com o ser humano: são criadas a partir de um macho e uma fêmea, são altas e de estatura ereta, e a essência está em sua cabeça da mesma forma como a mente do ser humano está em sua cabeça e, se sofrer algum mal, pode morrer.

Meu pai encarregava os meus dois irmãos das tamareiras, assim como minha mãe me dava, todos os dias bem cedo, as instruções diárias sobre varrer a casa, alimentar as galinhas e regar a hortelã. Quando eu esquecia – eu estava sempre com pressa para cumprir aquelas obrigações antes de ir para a escola –, ela ficava brava e levantava a voz, me

■ traduções e perspectivas literárias

repreendendo: “Isso é pecado, minha filha, isso dá azar, que Deus prolongue a vida do seu pai e mantenha a casa cheia”. No entanto, Deus não prolongou nem a vida dele nem a dela. Até os meus dois irmãos foram embora, e eu fiquei – depois que eu me mudei para o Cairo – como se tivesse sido cortada de uma árvore, e parece que eu esqueci a hortelã, o cacto, a tamareira, todas as coisas.

Então, minha tia Fátima veio me visitar. Ela me abraçou e chorou pela ruína da nossa casa, cujo fogo se extinguiu e cujo cacto secou. Depois, enxugou as lágrimas, sentou-se com as pernas cruzadas sobre o tapete de Assiut e abriu a cesta que carregava consigo para a visita.

— Eu trouxe pão para você, que eu assei, e tâmara da tamareira do seu pai. E fiz uma muda para você do cacto da nossa casa – disse ela.

Minha tia estendeu a mão para mim com o cacto, dizendo, ainda com lágrimas nos olhos:

— O cacto da nossa casa, foi a minha mãe que fez uma muda para mim do cacto dela no dia que eu me casei e fui morar na casa do meu marido. Então esse é o cacto da sua avó, e da avó da sua avó. Que Deus abençoe você, Fawzia, minha filha, e mantenha a sua casa cheia.

Minha tia me fez lembrar e, quando lembrei, plantei, e as pessoas disseram que eu era louca.

No trabalho, também cochicham pelas minhas costas. Certa vez, minha colega me disse:

— Olhe para as suas mãos, Fawzia.

Entendi que ela estava apontando para as linhas pretas embaixo das unhas, então eu respondi:

— Isso não é sujeira, é a terra que fica quando eu planto.

Ela disse, dando um tapinha no meu ombro:

— Não pega bem para uma funcionária, não pega bem mesmo!

Não entendo o que incomoda os meus colegas quando eu planto. O lugar onde trabalhamos é escuro e antigo, o revestimento foi caindo das paredes, as aranhas fizeram teias nos cantos e os insetos fizeram ninhos, e eu tenho certeza que os ratos têm tocas por lá, saem quando escurece e durante a noite, passeiam entre as escrivatinhas sem ninguém para olhar, e todo dia eu agradeço a Deus que ainda não roeram nenhum dos papéis dos arquivos que estão sob minha responsabilidade: os antigos arquivos cinza empilhados numas prateleiras de madeira desgastadas cuja cor original é difícil precisar. Até a área comprida na frente do prédio que nós chamamos de “jardim” está coberta de esgoto, então só podemos entrar e sair do prédio andando com cuidado sobre cinco pedras adjacentes que formam uma ponte até a soleira da porta.

Não ignorei os meus colegas. Quando percebi que as coisas estavam daquele jeito, plantei três pés de jasmim-manga e cuidei deles. Quando cresceram e se encheram de

folhas, eu os levei para o escritório e os coloquei um ao lado do outro na única sacada do prédio. Meus colegas não notaram a beleza do jasmim, nem mesmo quando deu flores, mas notaram a terra embaixo das minhas unhas.

Não me entendem no meu trabalho, e no meu bairro também não. Eu mesma os ouvi dizendo: “Fawzia, a louca que se joga por uma semente de tâmara como se fosse uma moeda de ouro”. Eles estranham meu comportamento porque, quando um deles come uma tâmara e cospe a semente para longe, ou cospe a semente na mão para depois atirá-la com toda a força do braço, e cai mais longe ainda, eu corro para recolhê-la e a escondo no fundo do meu bolso. E quando volto para casa, eu a coloco num algodão molhado durante quatro ou cinco dias, cuido dela todos os dias e a acompanho enquanto ela vai crescendo e amolecendo, até que eu a toco e percebo que se tornou mais delicada, e sei que chegou a hora. Depois disso, eu a coloco na terra e molho... e espero.

Eu queria que a minha casa fosse grande e cercada de terra para eu plantar, mas me entristece que seja composta de um só cômodo e que a única sacada seja estreita a ponto de não ter espaço suficiente para tudo o que eu planto. Antigamente, eu colocava vasos na mureta da sacada, mas desisti de fazer isso porque os pequenos travessos jogavam pedras. Na primeira vez em que encontrei um vaso partido e a muda que eu tinha plantado quebrada e com as folhas murchas, pensei neles, mas disse para mim mesma que achar é pecar. Quando o caso se repetiu, tive certeza, e tive mais certeza ainda quando os pequenos começaram a me aborrecer quando eu voltava para casa segurando uma ou duas daquelas latas grandes usadas para conservar o queijo branco ou as azeitonas, que o seu Mitwali da mercearia me dava para eu plantar. Quando ele cismou que eu não comprava dele o sabonete cheiroso e o queijo que vinha do exterior numa embalagem de papel prateado e dourado, ele ficou bravo, ofendido, e não me deu mais as latas, mesmo eu garantindo para ele que eu não comprava aquelas coisas nem dele nem de ninguém, porque são caras e o meu salário é pequeno. Mas, quando o seu Mitwali ainda me dava as latas, os meninos me seguiam, corriam atrás de mim e diziam:

Olha a louca! Já está voltando com uma lata...

Não tem cabeça... não tem cérebro....

Cérebro de mentirinha... cabeça de lata...

O comportamento deles me entristecia. Eu sentia um nó na garganta e vontade de chorar. Não chorava, o que eu fazia era abaixar para apanhar a primeira pedra no caminho e jogar neles enquanto eu os xingava.

Numa dessas vezes, apareceu Umm Suleiman, a mulher corpulenta com um dente de ouro. Ela bloqueou o meu caminho e colocou as mãos em seus quadris largos. Eu me desculpei:

— Sinto muito, dona Umm Suleiman, eu não quis ofender, mas o Suleiman e os outros meninos me xingaram. Além disso, dona Umm Suleiman, ontem eles quebraram o vaso que eu tinha colocado na entrada da casa.

Fui surpreendida pela risada dela, mas continuei:

— Você é Umm Suleiman porque você é a mãe do Suleiman e protege e toma conta dele, não é isso? Então você também pode considerar que eu sou mãe, eu sou a mãe das plantas!

Umm Suleiman mexeu as sobrancelhas, soltou um som rouco da garganta, ao mesmo tempo em que fez um gesto obsceno com o dedo do meio e disse:

— Parabéns, mãe de planta, que ela cresça e apareça!

Virou as costas e me deixou, arrastando a risada alta e assustadora dela.

Não encontrei ninguém com quem reclamar a não ser o Pai Muhammad, que trabalha como empregado no viveiro e mora numa cabana de madeira no local de trabalho. No começo, quando nós nos conhecemos, eu o chamava de seu Muhammad, e ele me chamava de dona Fawzia. Quando nos familiarizamos, passei a chamá-lo de Pai Muhammad, e ele me chama de Umm Ahmad, por causa do meu pai – que Deus o tenha – que se chamava Ahmad. Quando as coisas não estão bem, eu vou até ele para reclamar. Dessa vez, reclamei para ele sobre a Umm Suleiman, e ele me aconselhou a xingá-la como ela me xingou. Eu disse para ele que ia tentar e voltei para casa, mas não estava segura de que eu conseguiria, porque aquela mulher me assustava a tal ponto que eu a via rindo nos meus sonhos, seus dentes pareciam compridos e assustadores, principalmente aquele dente dourado brilhante. Eu a via rindo, e o sonho se tornava pesadelo.

No entanto, nem todos os meus sonhos são pesadelos. Quando eu estou serena, vejo os campos nos sonhos, e os sonhos se tornam bonitos como os sonhos... e coloridos.

Quando o campo é de trigo, eu o vejo como o ouro puro, com os ramos se inclinando e se curvando, fazendo ondas num mar de açafrão.

Quando o campo é de milho, vejo as espigas, regulares sobre suas hastes, o cabelo do milho se transforma em vermelho da cor do vinho, e é como se o verde do campo se tornasse um marrom avermelhado, como a água do Nilo no mês de setembro, carregada de lama antes da cheia.

Quando o campo é um pomar de laranjas, vejo as árvores pequenas e redondas, carregadas de frutas feito as mulheres do nosso vilarejo, e a laranja sobre o verde dos ramos se torna bem laranja, assim como o sol no azul das alturas.

Quando a plantação está oculta, vejo a terra nem molhada nem seca, estende-se livre, de cor preta; nela, o amor se esconde. Aos poucos, rompe de sua casca e sai sua ponta, verde.

Uma vez só, eu vi as tamareiras, uma floresta no alvorecer. O sol ainda não tinha nascido, mas estava prestes a nascer, quando o horizonte violeta se tingia da cor da hena. Vi a tamareira de estatura ereta, de altura elevada, majestosa. E vi nela os rostos da minha família: meu pai, minha mãe, minha tia e meu primo. Seus rostos eram verdes e pálidos, da cor dos ramos da tamareira, mas eu não estava certa se estavam parados atrás dos

troncos ou se os troncos estavam por trás deles. Ouvi uma voz suave e calorosa como se fosse a voz do recitador lendo os versos do Alcorão antes do chamado para a oração da alvorada, ou como se fosse outra coisa, não sei, só sei que a voz ecoava na floresta de tamaras na hora do alvorecer, e eu disse para mim mesma: “Fawzia, está chegando a hora, tenha cuidado”, mas eu acordei, abri os olhos, e só encontrei a foto pendurada na parede antiga. Percebi que tinha sido um sonho, e uma lágrima escorreu do meu olho. Depois, eu me recompus e me levantei.

Hoje uma mulher que mora na minha rua me procurou e disse que viu os vasos na sacada. Disse que são bonitos e pediu timidamente para eu ensiná-la, então eu mostrei como fazer. Dei de presente para ela uma muda de hortelã que eu tinha plantado. Então, nós ficamos sentadas conversando.

رأيت النخل

طال الشتاء فلم أعد قادرة على الانتظار. لبست معطفي القديم وربطت رأسي بمنديلي الصوفي ونزلت إلى الشوارع أقطعها وأتوقف عند الشجر، أنظر وأتحقق. وعندما تفشل عينا في رؤية شيء على الفروع الجافة أمد يدي أجس وأتحسس. أحيانا كانت يداي تتوقفان ويخفق قلبي ثم أكتشف أن ما وجدت ليس هو المنشود، بل مجرد عقدة على فرع جاف. ولكني كنت واثقة أنني سأجدها، أقصد الكرويات الصلبة الدقيقة التي يمددك لونها في البداية فتظنها لا شيء، ولكنك لو دقت النظر وجدت كروية ورماها ليس رماديا ولا جفافها جفافا. وأن تتابعها وتتأمل تكبر وتتفتح وتكشف لك عن أخضرها الكامن.

كنت أبحث عنها عندما رأني ذلك الزميل، قال:

- فوزية، ماذا تفعلين في الشارع في هذا البرد الملعون، كل الناس تلزم بيوتها؟

قلت:

- أبحث عن البراعم!

فهتف:

- والله إنك مجنونة يا فوزية!

كان يمزح، أذكر بوضوح أن صوته كان ضاحكا وأن النظرة في عينيه كانت دافئة وودودة.

وفي نهاية يوم قضيته أبحث عدت إلى بيتي خائبة أتساءل إلى متى؟ ساعته تذكرت زهرة الصبار التي حملتها لي عمتي فاطمة من البلد وكنت قد وضعتها بجوار الباب ونسيتها. وعندما تذكرت قلت لنفسني: لابد أنها ماتت فأنا لم أسقها منذ عدة شهور، ولكني قمت لأراها. كان طينها قد جف وتشقق وأصبح في لون البن الأشقر، وعودها يبس واصفر رغم أنه نما وطل، وكانت أوراقها ذات الحواف الإبرية على حالها ناهضة تتفرع من الساق عريضة وتتفتح إلى أسفل رفيعة ومدببة. كانت صبارة عمتي تستوي على سوقها خضراء، رويتها.

أحببت الزرع وصرت أزرع في أنية من فخار، في علب فارغة، في كوب، أي شيء يصلح للزرع أملاه بالطين وأثبت في العمق اللازم نواة ثمرة، أو فرعا أخضر، وأروي.

أيامها لم يقل أحد إنني مجنونة، ولكنهم قالوها بعد ذلك يوم حملوا لي خبر وفاة ابن عمي:

- مات ابن عمك يا فوزية.

- مات؟

فلما أكدوا الخبر طلبت منهم أن ينتظروا لأصحبهم لتقديم واجب العزاء. رأوني أقرص أمامهم وأملأ علب فارغة بالطين وأرشق فيه عود ريحان، وأثبتته بالضغط المتكرر بقبضتي على الطين حتى يمسك بالفرع تماما ويحتضنه ويتماسك ثم غمرته بالماء وقلت:

- الآن بإمكاننا أن نذهب.

رأيتهم يضرّبون كفا بكف وسمعتهم يقولون: «جنت فوزية وعوضنا على الله» ولم أفهم لماذا قالوا ذلك؟ واستغربت أكثر عندما سمعت أحدهم يهمس: «فوزية تقلد الأغنياء الذين يزينون بيوتهم بالنباتات!» استغربت لأنه من قريتنا ويعرف. نحن فلاحون، صحيح أن النساء في عائلتنا الصعيدية لا يخرجن إلى الحقول للفلاحة، ولكن الفلاحة هي حياتهن التي يفتحن عيونهن عليها، ويغصن ساعة الموت عيونهن عليها أيضا. وأنا أذكر أن بيتنا في القرية كان على سطحه نعناعة وفي قاعه صبارة وبيابه نخلة. وأذكر أن أبي - رحمه الله - كان يقول إن النخلة شجرة مباركة أنعم الله بها على عباده وكرمها بذكرها في القرآن، وأن النبي - صلوات الله عليه - قال: أكرموا عماتكم النخل. وإنه سمى النخل عماتنا لأنها خلقت من فضلة طينة آدم وأنها تشبه الإنسان، خلقت من ذكر وأنثى، طويلة ومستقيمة القد وجمارها على رأسها، كعقل الإنسان في رأسه إن أصابه سوء هلك.

كان أبي يوصي أخوي بالنخل كما كانت أمي توصيني كل فجر وهي تلقي تعليماتها اليومية بكنس الدار وإطعام الدجاج أن أسقي النعناع، عندما كنت أنسى - كنت دائما على عجلة من أمري أؤدي تلك الواجبات قبل الذهاب إلى المدرسة - كانت تغضب ويعلو صوتها موبخة: «حرام عليك يا بنيتي هذا فال سيئ، ربنا يمد في عمر أبيك ويبقي الدار عمارا»، ولكن الله لم يمد لا في عمره ولا عمرها. حتى أخوأي ذهب فأصبحت أنا - بعد أن أقمت في القاهرة - كالمقطوعة من شجرة وبدأ أنني نسيت النعناع والصبارة والنخلة، وكل شيء.

ثم جاءت عمتي فاطمة لزيارتي وضممتني إلى صدرها وبكت على خراب بيتنا الذي انطفأت ناره وجفت صبارته. ثم كفكت دمعا وتربعت على البساط الأسبوطي وفتحت السلة التي حملتها معها للزيارة. قالت: «أحضرت لك رغفانا خبزتها وتمرا من نخلة أبيك وكسرت لك فرعاً من الصبارة التي في دارنا»، ومدت عمتي لي يدها بالصبارة وهي تقول والدموع ما زالت في عينيها: «الصبارة التي في دارنا كسرتها لي أمي من صبارتها يوم تزوجت وانتقلت إلى بيت زوجي، هذه إذن صبارة جدتك، وجدة جدتك، ربنا يبارك فيك يا فوزية يا بنيتي ويحفظ لك الدار عمارا».

ذكرتني عمتي، ولما تذكرت زرع فقالت الناس عني مجنونة.

في العمل أيضا يتهمسون وراء ظهري. وفي مرة قالت لي زميلتي.

- انظري يا فوزية إلى يديك.

فهمت أنها تشير إلى الخطوط السوداء تحت الأظافر، قلت: «هذه ليست وساخة، إنه طين متخلف من الزرع الذي

أزرعه».

قالت وهي تربت على كتفي:

«لا يليق لا يليق أبدا وأنت موظفة!».

لا أفهم ما الذي يسيء زملائي عندما أزرع. المكان الذي نعمل فيه معتم وقديم تساقط طلاء جدرانه ونسج العنكبوت خيوطه في الزوايا وعششت فيه الحشرات، وأنا واثقة أن الفران لها جحور فيه تتركها في المساء والليل وتسرح بين المكاتب بلا ضابط وكل يوم أحمد الله أنها لم تقرض بعد أيا من أوراق الملفات التي في عهدي: الملفات الرمادية القديمة المصفوفة على رفوف خشبية متآكلة يصعب معرفة لونها الأصلي. وحتى المساحة المستطيلة التي أمام المبنى والتي تشير إليها بـ«الحديقة» يغطيها طفح المجاري فلا نستطيع دخول المبنى أو الخروج منه إلا بالسير الحذر على خمسة أحجار متجاورة تشكل جسرا إلى عتبة الباب.

لم أقصر مع زملائي. عندما وجدت الوضع على ما هو عليه زرعت ثلاث شجرات من الياسمين الهندي وتعهدتها، فلما نمت وتكاثفت أوراقها حملتها إلى المكتب ووضعتها متجاورة في الشرفة الوحيدة التي بالمبنى، ولكن زملائي لم يلتفتوا لجمال الياسمين حتى عندما أزرعهم مع أنهم التفتوا للطين تحت أظفاري.

في عملي لا يفهمونني وفي الحي أيضا. سمعتهم بأذني يقولون فوزية المجنونة التي تلقي بنفسها على نوى التمر كأنه جنينيات الذهب. وهم يستغربون سلوكي، فالواحد منهم يأكل البلحة ويلفظ النواة، يبصقها من فمه فتسقط بعيدا أو يبصقها في يده أو يرميها بعد ذلك بطول ذراعه فتسقط أبعد. أركض لالتقطها وأخبئها في جيبتي العميق، وعندما أرجع إلى البيت أضعتها على قفظة مبللة أربعة أو خمسة أيام، كل يوم أتعدها وأتابعها وهي تنتفخ وتلين حتى المس بيدي طراوتها فأعرف أن الوقت قد حان. بعد ذلك أدفنها في الطين وأغمرها بالماء... وأنتظر.

كنت أتمنى أن يكون بيتي فسيحا تحيط به أرضي أزرعها، ويحزنني أنه يتكون من حجرة واحدة وأن شرفته الوحيدة ضيقة إلى هذا الحد ولا تتسع لكل ما أزرع. في الماضي كنت أضع أصص الزرع على سور الشرفة، ولكنني عدلت عن ذلك لأن الصغار العابثين كانوا يرمونها بالحجارة. أول مرة وجدت أصية زرع محطمة والعود المزروع فيها مكسورا ذابل الأوراق، فكرت فيهم ولكنني قلت لنفسي إن بعض الظن إثم، فلما تكرر الأمر تأكدت، وتأكدت أكثر عندما أخذ الصغار يضايقونني وأنا عائدة إلى البيت، أحمل صفيحة أو صفحتين من تلك الصفائح الكبيرة التي تستخدم في حفظ الجبن الأبيض أو الزيتون - كان عم متولي البقال يعطيها لي لكي أزرع فيها - وعندما وجد أنني لا أشتري منه الصابون المعطر والجبن المستورد المغلف بأوراق فضية وذهبية غضب واستاء ولم يعد يعطيني الصفائح، ذلك رغم تأكدي له أنني لا أشتري هذه الأشياء لا منه ولا من سواه لأنها غالية وراتبي قليل - عندما كان عم متولي يعطيني الصفائح كان الأولاد يمشون ورائي ويزفونني ويقولون:

المجنونة .. راجعة وماسكة في إيدها صفيح.

عقل ما فيش، مخ ما فيش.

مخ فالصو وعقل صفيح.

كان سلوكهم يحزنني فأشعر بغصة في حلقي ورغبة في البكاء، إلا أنني لم أكن أبكي، بل أنحني ألنقط أول حجر في الطريق وألقيه عليهم وأنا أسبهم.

وفي مرة من هذه المرات ظهرت لي أم سليمان المرأة البدينة ذات السن الذهبي، واعترضت طريقي وهي تضع يديها على ردفها الكبيرين. قلت لها معتذرة:

- أنا أسفة يا ست أم سليمان، لم أقصد الإساءة لكن سليمان والأولاد الآخرين سبونني. وأيضا يا ست أم سليمان بالأمس كسروا أنية الزرع التي وضعتها عند مدخل البيت.

فاجأتني ضحكتها ولكنني واصلت:

- أنت أم سليمان، تقومين برعاية سليمان وحمايته أليس كذلك؟ اعتبريني أنا أيضا أما، أنا أم الزرع!

لعبت أم سليمان حاجبيها وأخرجت صوتا متحسرا من حلقها رافقته حركة بذينة بأصبعها الوسطى وقالت:

- ميروك عليك «زرع» يا «أم زرع» تعيشي وتجيبي!

وأدارت ظهرها وتركتني وهي تواصل ضحكتها العالية المخيفة.

ولم أجد من أشكو له سوى أبويا محمد الذي يعمل أجيرا في المشتل ويسكن في كوخ خشبي في نفس مكان عمله. في

بداية تعارفنا كنت أناديه بـ«عم محمد» وهو يناديني «الست فوزية» ولما تألفنا صرت أسميه «أبوياً محمد» وهو يسميني «أم أحمد» نسبة إلى أبي - رحمه الله - الذي كان اسمه أحمد. عندما تضيق بي الدنيا أذهب إليه وأشكو، وهذه المرة شكوت له أم سليمان فنصحني أن أسبها كما سبنتي. قلت له سأحاول وعدت إلى بيتي، ولكني لم أكن واثقة أنني سأستطيع لأن هذه المرأة كانت تخيفني إلى حد أنني أراها في أحلامي تضحك، فتبدو أسنانها طويلة ومخيفة وعلى الأخص ذلك السن الذهبي اللامع، أراها تضحك فيكون الحلم كابوساً.

ومع ذلك فليست كل أحلامي كوابيس، عندما أصفو أرى في الأحلام الحقول فتكون الأحلام جميلة كالأحلام... وملونة.

عندما يكون الحقل قمحاً أراه كالذهب الخالص تميل به السنابل وتنحني وتموج في بحر من زعفران. وعندما يكون الحقل ذرة أرى الكيزان وقد استوت على عيدانها وسرت في شواشيها حمرة خمرية، فيبدو الحقل وهو الأخضر بنياً أحمر كماء النيل في الشهر التاسع مثقلاً بالطمى قبل الفيضان.

وعندما يكون الحقل حديقاً برتقال، أرى الشجرات صغيرة ومدورة محملة بالثمار كنساء قريتنا، ويكون البرتقال على أخضر الغصون برتقالياً والشمس كمثله في الزرقاء العالية.

وعندما يكون الزرع كامناً أرى طين الأرض بين الندى واليابس، يمتد حراً وأسود يتوارى الحب فيه إلا قليلاً انشق عن فستقه وأخرج شطأه، أخضر.

مرة واحدة رأيت النخل غابة في السحر، ولم تكن الشمس قد أشرقت بعد ولكنها كانت على وشك، فتخضب الأفق البنفسجي بلون الحناء. رأيت النخل مستقيم القد شاهق الطول وعميماً ورأيت وجوه أهلي فيه، أبي وأمي وعمتي وابن عمي. كانت وجوههم خضراء شاحبة بلون السعف، ولكني لم أتحقق إن كانوا يقفون خلف الجذوع أم كانت الجذوع خلفهم. وسمعت صوتاً رخيماً ودافئاً كأنه صوت مقرئ يتلو الآيات قبل أذان الفجر، أو كأنه شيء آخر، لا أدري، ولكن الصوت كان يتردد في غابة النخل ساعة السحر فقلت لنفسى: «أنت يا فوزية على الأعتاب فتبهيني» ولكني صحت، فتحت عيني فلم أجد سوى الصورة المعلقة على الجدار القديم، فعرفت أنه كان حلماً فانسكبت من عيني دمعة ثم استجمعت نفسي وقمت.

اليوم جاءتني امرأة تسكن في نفس الشارع وقالت رأيت أصص الزرع في الشرفة، قالت إنها جميلة وسألتني على استحيا أن أعلمها فارتبتها كيف. أهديتها عود نعناع كنت قد زرعت ثم جلسنا وتحدثنا.

Referências

AL-ZAYYAT, Latifa. *Kull hadhā assawt aljamīl: mukhtarāt qisasīya li-katibat ‘Arabīyat*. Cairo: Dār al-Mar’ah al-‘Arabīyah, 1994.

ASHOUR, Radwa. *Ra’aytu al-nakhl*. Cairo: Shorouk, 2019.

ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (ed.). *Arab women writers: a critical reference guide, 1873-1999*. Tradução de Mandy McClure. Cairo: The American University in Cairo Press, 2007.

BOOTH, Marilyn (ed.). *My grandmother’s cactus: stories by Egyptian women*. Tradução de Marilyn Booth. Londres: Quartet Books, 1991.

COHEN-MOR, Dalya (ed.). *Arab women writers: an anthology of short stories*. Albany: State University of New York Press, 2005.

ELSADDA, Hoda. “Egypt”. In ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (ed.). *Arab women writers: a critical reference guide, 1873-1999*. Tradução de Mandy McClure. Cairo: The American University in Cairo Press, 2007, p. 98-161.

JAYYUSI, Salma Khadra (ed.). *Modern Arabic fiction: an anthology*. Nova York: Columbia University Press, 2005.

■ traduções e perspectivas literárias

SAMAAN, Angele Botros (ed.). *A voice of their own: short stories by Egyptian women*. Cairo: Foreign Cultural Information Dept., 1994.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>